

## O Halo bífido do Inconsciente<sup>1</sup>

MD Magno

**Resumo:** O Inconsciente é constituído de elementos pré-opositivos. Os atos falhos (Freud) são possíveis porque qualquer elemento do Inconsciente está em processo de oscilação e pode ser empurrado para um lado ou para outro. As estruturas macro da *physis* não se comportam sem a dicotomia, mas, no Ics., é ambíguo, ambivalente, bífido. O Inconsciente armazena informações em q-bits, mas só pode operar em bits nos mundos macro e bio. Como, no Inconsciente, a formação é bífida, o neurótico se recusa a aceitar a realidade: recusa que tudo que há seja disjuntivo e quer que o princípio do prazer funcione a qualquer preço, sem ter que pagar por isto. A mente imita com eficácia e eficiência a bifididade que os físicos encontram dentro da ordem quântica na microfísica, mas a suposição para pensar que a mente é bífida parte dos achados psicanalíticos, e não da suposição dos físicos.

**Palavras-chave:** Nova psicanálise; interpretação de Copenhague; neuroses

**Abstract:** The Unconscious is constituted by pre-oppositive elements. The parapraxes (Freud) become possible because each one of the Unconscious' elements is in an oscillation process and can be pushed one way or another. Macro *physis*' structures do not behave without dichotomies, but all is ambiguous, ambivalent and bifid in the Unconscious. The Unconscious stores information in q-bits, but can only operate in the macro and bio worlds in terms of bits. As in the Unconscious the formations are bifid, neurotic persons refuse to accept the reality: they refuse that everything that exist is disjunctive and want the pleasure principle to work at any price, without having to pay for it. The mind efficiently imitates the bifidity found inside quantic order in microphysics, but the supposition to think that the mind is bifid comes from psychoanalysis and not from physics.

**Keywords:** New psychoanalysis; Copenhagen interpretation; neurosis

### Elementos constituintes do Inconsciente são pré-oppositivos

Não direi que o que apresento agora seja uma perspectiva nova, pois, como vão reparar, é decorrência necessária do que tenho desenvolvido esse tempo todo,

---

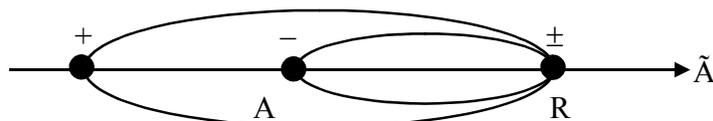
<sup>1</sup> Texto retirado do Falatório do autor, seções realizadas em 09 janeiro e 04 dezembro 2010 na NovaMente. Texto estabelecido por Potiguara Mendes da Silveira Jr.

mas é apresentada com cara nova e aponta para certas precisões e arrumações que podem fazer um todo na teoria e no entendimento da clínica. Trata-se das significações fortes do Revirão como estrutura fundamental tanto do Inconsciente, como do Haver. Tomarei confluências de vários pensamentos, da ciência e de outras coisas.

Vocês certamente já ouviram falar da famosa interpretação de Copenhague, que é a mais amplamente aceita da mecânica quântica. É também chamada de interpretação ortodoxa pelos “quantianos” – pelos quânticos, aliás –, a qual foi desenvolvida por Niels Bohr (1885-1962) em uma série de palestras em Copenhague no final da década de 1920. Há pessoas que enxergam com antecedência. Nessa ocasião, ele sustentava que as entidades subatômicas, como elétrons, por exemplo, não têm existência real – maneira de dizer, pois é claro que têm – por existirem numa espécie de limbo probabilístico de muitos possíveis estados superpostos, até serem forçadas a entrar num único estado pelo ato da observação. (O limbo está na cabeça do cientista, e não no real). Daí vem a ideia – que é importante, pois ninguém lhe deu decisão até hoje – de que os elétrons ou os fótons podem atuar como onda ou como partícula, dependendo da maneira pela qual são observados experimentalmente. Na história da física quântica, supõe-se, então, que é o ato da observação que situa as entidades como onda ou como partícula.

Quero fazer a conexão direta disto com o que proponho com o nome de **Halo significativo**. Como devem se lembrar, digo que não adianta pensar em termos linguísticos na existência de um significante como marca isolada. Em termos de estrutura psíquica – portanto, em termos de Inconsciente –, devemos considerar o Halo significativo por inteiro, que tem uma lógica suposta ou aparentemente ternária que inclui a oposição (+/-) e o ponto que chamo de Bífido ( $\pm$ ), de indiferenciação, que, por sua vez, tem as mesmas características de indiferença do que chamo de Real (R). Isto é o que está possibilitado no psiquismo.

Ou seja, assim é a estrutura do que se inscreve no Inconsciente, e não um significante isolado, positivo ou negativo.



Faço, então, um paralelo metafórico disso com as tais entidades subatômicas e digo que o Halo significante é o que pode estar suposto na estrutura psíquica antes ainda de os alelos (+/-) serem observados pela redução linguística e lingüística. Eles são forçados a aparecer como um dos opostos, como um dos alelos, tal como a onda e a partícula, na física, sendo que sua constituição não é nem um nem outro dos opostos, mas algo parecido com aquele limbo de Bohr que não é senão o fato de haver Halo significante com alelos e ponto bífido. É mais fácil para nós situar isto do que para eles. Digamos que o Inconsciente seja constituído de “partículas”, de elementos pré-opositivos. Então, do mesmo modo que eles dizem que as partículas não são nem onda nem partícula, e sim pré-oposição, dizemos que os elementos constituintes do Inconsciente são pré-opositivos.

Chamo a atenção para o fato de que, mediante o aparelho do Revirão, vamos fazendo releituras e revisões em toda a teoria psicanalítica, isto é, vamos re-compreendendo coisas do passado. Por exemplo, aposto que os atos falhos, de Freud, dependem mais da oscilação promovida por essa situação pré-opositiva do que por qualquer outra coisa. Suponhamos que tudo que Freud explicou como sendo causação de ato falho não deixe de ser verdadeiro. Mas por que é possível ato falho? Porque qualquer elemento do Inconsciente está em processo de oscilação e pode ser empurrado para um lado ou para o outro: no que discorremos, escorregamos e trocamos de alelo, ou seja, entramos no processo opositivo pelo lado “errado” com a maior facilidade. As oscilações do Inconsciente que o

manifestam dependem, antes de mais nada – não estou dizendo que seja só isto –, dessas oscilações no momento da observação, isto é, da utilização, linguageira ou outra, iniciada pela fala, pelo discurso.

Ao tomar essas pequenas situações que estou apresentando, muita coisa fica mais clara. Quando os físicos dizem que, antes que se decida como observá-lo, o elétron não é nem onda nem partícula, que, em certo sentido, ele é irreal, e que existe em um limbo indeterminado, o que digo é que se trata, mesmo no aspecto da microfísica, de um **Halo Partícula**. Como não quero ficar no limbo do significante que vem do outro mundo, faço a congruência entre os estados físicos e os estados psíquicos: há semelhança, senão identidade, entre as formações subatômicas, formações particulares, e as formações psíquicas. Não sonho idealisticamente que exista problema mente/corpo, ou alma/corpo, ou corpo/espírito, pois **o que há é físico**. Não digo que é material, pois hoje não fica bem chamar de matéria, já que há matéria, anti-matéria, matéria escura, matéria bariônica... Então, é físico: é *physis* e nada há além da *physis*.

Vejam que os físicos põem que são as duas coisas, onda ou partícula, dependendo do ato. No laboratório, dependendo do modo como olharmos, veremos assim ou assado. Então, dependendo do modo como abordarmos o psiquismo com aparelhos binários, opositivos, ele cairá para um ou para outro lado: quebra de simetria. O mesmo vale quando tentamos nos exprimir em qualquer modo linguageiro, em qualquer tipo de linguagem, pois as estruturas macro da *physis* – como as estruturas macro biológicas, por exemplo – não se comportam sem essa dicotomia. Mas lá em cima não há dicotomia, é ambíguo, ambivalente, bífido. É o modo de trazer isto para dentro do campo das oposições que reduz para um lado ou para outro.

Há duas coisas importantes: 1) Entender que a estrutura do Inconsciente não é igual à das linguagens conhecidas. Então, Lacan pode continuar dizendo que é estruturado como uma linguagem, pois o “como” é metafórico e vale para

qualquer coisa, mas não é estruturado como nenhuma linguagem possível de ser falada. É sim estruturado como uma articulação de nível superior, que é uma articulação do campo da bifididade, do Halo signifiante, do Halo particular, no sentido de partícula. Temos que entender que há uma queda de nível, e não podemos tratar o Inconsciente como se fosse estruturado como uma língua, por exemplo. Não o é, pois sofre redução, decadência, quando se exprime: *l'Inconscient est structuré comme on l'engage*.

A Linguagem não pode ser senão a estrutura bífida, em estado de Halo, e não em estado de signifiante isolado, nem em estado de oposição. O campo das oposições pertence à decadência do micro para o macro que há no Haver tanto no caso das formações macrofísicas, quanto no das formações bióticas. Esta é a aposta que faço. As formações bióticas também necessitam suspender a oscilação, pois elas se enrijecem, fazem um discurso mais ou menos estanque. Em última instância, isto é o *clinâmen*, uma queda de nível. Aquilo que em estado psíquico ou em estado microfísico é alélico, passa a ser clivado em estados inferiores. Onde, a impressão de alma, de espírito, de toda a maluquice que a humanidade pressente no que lida com o Inconsciente. Mas é absolutamente físico. Não há alma do outro mundo, não há fantasma na máquina, é máquina, mesmo.

### *It (Ics) from bit (Cs)*

Um maluquete físico famoso, prêmio Nobel, chamado John Wheeler (1911-2008), cunhou o termo “buraco negro” e, sobretudo, inventou algo interessantíssimo: *it from bit*. Ou seja, o *it* do *bit*. Todo *it*, isto é, toda coisa, toda partícula, todo campo de força – digo eu: todo o campo do Inconsciente e das formações básicas do Inconsciente –, até o próprio *continuum* espaço-tempo, deriva sua função, seu significado, sua própria existência, inteiramente – mesmo que, em certos contextos, de forma indireta – das respostas extraídas pelos instrumentos e perguntas sim/não escolhidas binariamente como *bits*. Ele está

dizendo que o *it* da coisa, o *Es* freudiano, o *Id*, o *Isso*, é essencialmente pré-clivado e que todas as abordagens reduzem a *bits* (0/1), a oposição (+/-). Vejam que, cada vez mais, os pensamentos contemporâneos caminham para essa confluência. (Um parêntese engraçado: lá perto é que Serge Leclaire (1924-1994) foi buscar o *poor(d)j'e-li*, que não tem sentido algum porque é bífido, não é língua). A diferença entre minha posição e a do físico é que ele supõe o tal limbo e que a realidade é criada com a observação. Estou dizendo que o que chamamos realidade é uma leitura em oposição (+/-), ao passo que o Real mesmo, aquele de cada partícula, de cada significante, é um havente em ( $\pm$ ). Não é que a observação crie a realidade, e sim que o Real é assim e a abordagem decai e reduz, pois a aparelhagem funcional macro, bio e linguageira é opositiva, pobre. O planeta, os sólidos do universo, etc., são constituídos por decadência, por Quebra de Simetria.

Lembro-lhes de outro maluquete sobre o qual já falei bastante, David Bohm (1917-1992) e sua ideia de Ordem Implícita ( $\pm$ ), que, explicada, também funcionaria assim (+/-). Acho que ele tem razão, só falta chegarem lá mesmo – e chegarão. Vejam, por exemplo, a resenha de Moisés de Freitas sobre “Ordem a partir da desordem: entropia sozinha cria cristais complexos” (publicada em [www.inovaçãotecnológica.com.br](http://www.inovaçãotecnológica.com.br), de 07 de janeiro 2010). Ficará cada vez mais claro que ALEI=Haver desejo de não-Haver, designada pela Entropia, é responsável, ela mesma, pela produção de Formações do Haver (como, por exemplo, Universos). Então, não se preocupem, pois chegarão onde quero, não porque quero, e sim porque chegarão. Assim, com certo cuidado, podemos até perdoar Kant pelo *noumeno*. Precisamos nos perguntar se suas intuições, lidas de outro modo, têm algum valor. Se substituirmos o *noumeno* pela ordem implícita ou pelo Halo significante dará certo. Não é o caso de seguir as frases, mas a intuição kantiana e virá-la ao contrário.

A própria intuição freudiana é precisa. Como Freud colocava a questão do significante no Inconsciente? *Vorstellung*, como representação, e *psychische*

*Repräsentanz* ou *psychischer Repräsentant*, como representante psíquico. Ele falava algo que não estava correto, mas suas percepção e intuição são brilhantes: representação de coisa e representação de palavra. Ele teve a audácia de dizer que a representação de coisa, o *it* do *bit*, é inconsciente, e a representação de palavra, o *bit* do *it*, é pré-consciente e consciente. Ele só não sabia o que estava dizendo, mas sacou que havia uma diferença de nível. Se tomarmos o tal *Vorstellungsrepräsentant*, que a língua portuguesa traduz melhor como *representante ideativo* – Lacan chamou de *representante da representação*, o que faz uma confusão dos diabos –, veremos que é a marca, a inscrição, no nível do Halo, em ‘tanto faz’ ( $\pm$ ). E se quisermos ressuscitar outra intuição brilhante de Freud, basta retornar à diferença de nível e de situação que ele colocava entre Inconsciente, de um lado, e pré-consciente e consciente, de outro. É só pensarmos que os tais representantes ideativos, que são do Inconsciente, não são de coisa nem palavra, e sim de Halo significante ou de partícula bífida. Isto porque, energeticamente, aquilo deve se inscrever e funcionar na gravação, na computação, no cérebro, em nível de energia ambígua, como são as energias da microfísica. É físico, está inscrito lá e funciona virando de um lado para o outro.

Um Halo significante engloba toda a experiência em seu aspecto completo, isto é, como (+) e como (-) ao mesmo tempo. Não se trata de *coincidentia oppositorum* no sentido de Nicolau de Cusa (1401-1464), que seria considerarmos fisicamente partículas opostas e transformá-las numa só. A intuição dele está certa, mas quis exprimir como se houvesse certo real que fosse andrógino. Não há andrógino, e sim indiferença. A androginia psíquica significa que somos indiferentes, que tanto faz. Trata-se da concomitância, e não da mesma coisa junta. Como são concomitantes, quando as abordamos temos que fazê-lo nas duas possibilidades da concomitância da coisa. É uma questão de simultaneidade, e não de mistura de uma com a outra, a qual, aliás, não existe. O que existe na realidade psíquica, como na realidade microfísica, é que há concomitância de expressividade possível. E isto é físico, é fisicamente dado. Quando abordamos, temos que ir para

um lado, pois não há aparelhos cá embaixo para dizer isso. Quem tenta dizê-lo é o poeta. Ele se vira, torce a língua, pois sabe que tem essa experiência. Qualquer um que se dedicar perceberá que tem essa experiência. Tanto o poeta como o sonho tentam dizer isso de algum modo. O tal umbigo do sonho, de Freud, é isso: vai oscilando e bate num lugar que pode valer para qualquer lado.

Já falei em equi-valência e equi-probabilidade na indiferenciação, pois quando se está indiferenciando, o valor é o mesmo, tanto faz. A probabilidade é a mesma, cinquenta por cento, por exemplo. Mas é um cinquenta por cento superior a um lançamento de moeda. Há uma materialidade física de índice macro que pode puxar para um lado e, numa quantidade infinitamente grande de jogadas, é possível descobrir que ela é tendenciosa. No caso da realidade psíquica, não há tendenciosidade, é randômico mesmo, para valer, pois não tem mistura com o macro. É antes ainda de intervir no bio. Do ponto de vista clínico, muda muito partirmos da idéia de que as formações mínimas do Inconsciente são bífidas: passamos a perceber as oscilações que a malucagem sofre em função desta base bífida.

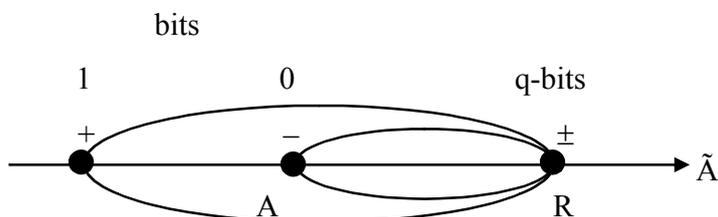
### **Superposição: concomitância e indiferença**

O conceito de **superposição**, tanto na física quanto na teoria da informação – e isto é importante para nós, pois a teoria da computação cada vez mais se mistura à teoria quântica –, diz respeito à capacidade de estar simultaneamente em vários estados, como no exemplo do gato de Schrödinger, que já comentei várias vezes. Hoje, no nível da produção de conhecimento, não paramos de nos encaminhar para esse lugar das sobreposições microfísicas e computacionais. Isto significa que, do ponto de vista mínimo, na física como na computação, o que existe basicamente é superposição, o conceito de Bohr que significa a simultaneidade dos opostos. Então, ao aplicarmos um aparelho macro, seja macrofísico ou biótico, sobre esta superposição acontece o mesmo fenômeno

que acontece na observação das partículas pelos físicos: imediatamente surge a *disjunção* em oposição à *sobreposição*. A sobreposição sofre disjunção, ou seja, aparece disjuntivamente. Em termos de língua, só podemos falar para um lado ou para o outro, pois, o código não tem condição de dizer os dois lados. Então, vemos poetas como Joyce, como Carroll, tentando dizer o *Jabberwocky*, a experiência que têm prévia à disjunção. No *maneirismo* também, é um estilo que tenta dizer, mesmo dentro dos códigos bipolares, a experiência que se tem daquilo que é sobreposicionado.

No campo da teoria da computação, da teoria da informação, por causa da emergência cada vez mais frequente da ideia de computação quântica, isto está crescendo. Certos laboratórios já conseguem um mínimo de computação quântica com a quantidade de 32 q-bits. É pouco ainda, mas espero a chegada do computador quântico para provar o que tenho dito. Como sabem, o bit é opositivo (ou 0 ou 1) e o q-bit, o bit quântico, é 0 e 1 ao mesmo tempo. O computador que raciocine ao mesmo tempo com 1 e 0 tem tanto a possibilidade de fazer crescer muito a chance criativa de seus resultados, como tem a possibilidade, ele mesmo, de pensar para um lado ou para o outro. Então, a partir do que disseram a psicanálise, os escritores, pensadores, místicos, etc., afirmo que o cérebro humano – vamos generalizar, o Inconsciente – armazena informações, quaisquer, em q-bits, e não pode operar nos mundos macro e bio senão em bits. A memória é em q-bits. Fernando Pessoa já disse isto de maneira belíssima: “Como alguém distraído na viagem, segui por dois caminhos par a par”. É uma experiência poética que ele está tentando exprimir. No que articula em nível superior, quer dizer, distrai-se da realidade macro, vai por dois caminhos ao mesmo tempo.

Vejam, pois, que não é preciso muita topologia, esta simplesinha dá conta de tudo:



Temos os bits de 1 e 0, de (+) e (-), e os q-bits ( $\pm$ ) como ponto bífido, que tem as características do Real, de indiferenciação, que pode ser para lá ou para cá. Neste nível bífido, tanto faz, não inclui julgamento de valor, pois são as formações decadentes, macrofísicas ou bióticas, que exigem uma escolha. Aí é que está a revolução de Nietzsche, que, ao falar em *transvaloração*, está se referindo a isto. Neste nível de pensamento superior, não há necessidade de opção. Mas como é só neste nível, este é o problema. A indiferença não põe isto e aquilo, põe: nem isto nem aquilo, tanto faz. Isto e aquilo é suposição de coincidência da física da coisa, mas não há coincidência física nem na microfísica. O que há é *concomitância*, indiferença. Dependendo da abordagem, será partícula ou onda, mas naquela outra abordagem será indiferente, tanto faz o que se fará com aquilo. Sobreposição não é coincidência física, mas concomitância. Não é conjunção na materialidade, na fisicalidade, e sim ausência de temporalidade.

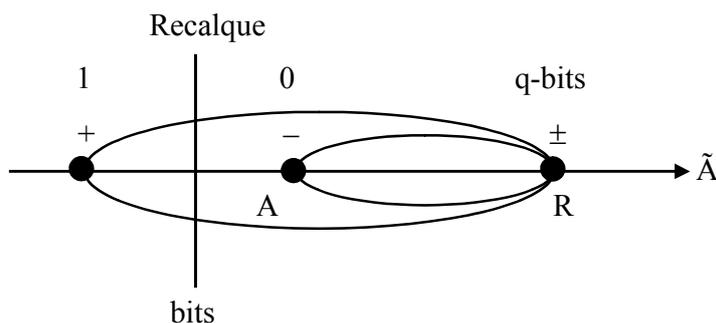
Então, o Secundário – o cérebro, portanto – funciona em dois níveis: armazenamento em q-bits e expressão em bits, o que tem sérias consequências no pensamento clínico. Já lhes mostrei como Freud teve a intuição do nível inconsciente, da representação de coisa. Tiremos representação de coisa e falemos, melhor, em representação do *it* e expressão do *bit*.

### **Sintomatização da disponibilidade bífida do Inconsciente**

A diferença está em termos que abordar os resvalos e as formações sintomáticas, às vezes graves, perguntando qual procedimento o analisando está

fazendo com essa disponibilidade do Inconsciente. Há uma disponibilidade bífida do Inconsciente, a ser tratada de algum modo no nível inferior dos comportamentos e das formações languageiras. A pergunta, então, é sobre como o analisando está sintomatizando essa relação. Observem que não estou falando em *predisposições*, pois estas são bio, são em nível sintomático, são nomeadas, pertencem à ordem do Primário, que já é partida, decadente. Não há predisposição alguma no nível inconsciente, que é neutro, ambíguo, da ordem do tanto faz. O Inconsciente não tem predisposição, topa qualquer coisa. É o princípio do prazer: goza por qualquer lado. Sempre foi assim, sem caráter, Macunaíma.

Retornando, como o analisando, em sua ordem de decadência, em sua história particular, lidará com a disponibilidade à indiferenciação? De maneira sintomática, certamente com algum pé no Primário, em suas birras pessoais. Por isso, por não ser bobo, Freud inventa o termo *Recalque*. Lembram do famoso tema da dúvida do obsessivo, que enche o saco de qualquer analista? O filho da mãe não sai do lugar. Se escolhe para cá, poderia ser para lá, se fosse para lá, poderia ser para cá... fica o resto da vida, vinte anos de análise, se recusando à disjunção. Por quê? Freud deixou claro: é o retorno do recalçado.



Quando recalamos, ficamos com apenas um alelo – (+), por exemplo –, pois vão para o bebeléu o outro alelo (–) e o bífido (±). O obsessivo – por ser um neurótico, por se tratar de uma *morfose estacionária* –, não tem liberdade, disponibilidade, para lidar com isto no regime do juízo forclusivo e entender que o que pode nos salvar desta porcaria é aceitar a realidade. Se a aceitamos, sabemos

que a disjunção funciona. Podemos voltar poeticamente para criar coisas no mundo, mas em (+/-) é disjuntivo. Desde Freud, chama-se: princípio de realidade. Em ( $\pm$ ) é princípio do prazer, mas quando se dá de cara com a realidade, temos que incluir, incorporar a disjunção: aceitá-la, até para poder usar o *juízo forclusivo*. Se não aceitamos, o que recusamos? A realidade, o princípio de realidade. No que a recusamos, acontece o retorno do recalcado na disjunção.

O obsessivo se recusa a aceitar a realidade, como qualquer neurótico. Temos que pensar que, mesmo não tendo razão, tem motivos para isto, pois, no nível inconsciente, a formação é bífida. Então, por recusar que o Haver cá embaixo seja disjuntivo, ele recusa e quer que o princípio do prazer funcione a qualquer preço, sem ter que pagar por isto. O princípio do prazer até funciona, basta pagar o preço. Como? Reconhecendo que a realidade é disjuntiva, sabendo que é assim mesmo e perguntando que jeito se pode dar. Há que ser poeta, inventivo, sem chique, sem recalque, dar o jeito que puder. É uma questão de *poder*. Que poderes temos para dar um jeitinho? Isto não é ficar como neurótico batendo de frente e o recalcado voltando, não sabendo se é hoje ou se é amanhã... A ação do analista dizendo: “Não aceito!” É o princípio de recalque: introduzir o princípio de luta com o recalque que ele produziu contra o Real, contra a realidade.

Como veem, estou usando termos antigos. Em vez de *morfose estacionária negativa*, como venho chamando desde 2003, usei neurose obsessiva. Então, vejamos agora como a *morfose estacionária positiva*, a **histeria**, funciona. Também recusando a disjunção. A histérica fica o resto da vida fazendo birra, querendo que a realidade não seja disjunta. Ao invés de ficar de um lado para o outro, quer produzir a concomitância dos dois. O obsessivo fica alternando no nível da oposição e a histérica quer porque quer os dois ao mesmo tempo no nível da concomitância. São os poemas de Cecília Meireles: ou se come o bolo ou se tem o bolo. Qualquer lado tem preço. Para aceitar o princípio de realidade, ter a liberdade no regime do *juízo forclusivo* e, quem sabe?, até conseguir dar um jeitinho, é

preciso, primeiro, passar pelo que Freud chamava *castração* – o que é a recusa de todos, a recusa do neurótico. Não aceitar a castração é não aceitar a Quebra de Simetria, não aceitar que, o mundo macro e o mundo bio, é disjunto. O obsessivo fica: ‘ou isto ou aquilo’, e a histérica: ‘e isto e aquilo’. Ela quer os dois, mas não pode tê-los. Ou não entra no avião, ou entra no avião... e ele poderá cair. Ou vive sem avião ou vive com a possibilidade da queda do avião. Escolhe! Terá que morrer nisso, não há saída. O obsessivo fica: ‘ou avião ou ônibus’ – e não vai em nenhum. Para entrar no avião, há que estar disposto a morrer. Para sair de casa todo dia, temos que estar dispostos a morrer, só que, por sermos histéricos e obsessivos, esquecemos e pensamos que nada acontecerá. Como se ficar em casa impedisse a casa de cair em nossa cabeça.

Freud descobriu a transferência com os neuróticos. Não se ultrapassa a transferência sem a aceitação radical da realidade. Ficamos sempre delegando para um outro, o que é achar que alguém vai morrer em nosso lugar. Aceitar a realidade é aceitar a disjunção. Se não a aceitarmos, passaremos o resto da vida no reino da mediocridade. As pessoas até fazem coisas, mas vê-se que é pelo meio, por não quererem escolher um caminho. Estamos no que chamam de bifurcação:



Vimos andando por um caminho, e, em determinado ponto, ele se bifurca. Como pensa o Inconsciente? Qualquer caminho vale, podemos ir pelos dois ao mesmo tempo, é só nos “distrairmos” como faz Pessoa. Mas na realidade não dá, temos que escolher um deles e pagar o preço, o que significa perda, de um lado, e até possibilidade de dar um jeitinho, de outro. Qual jeitinho? Produção de próteses, invenção de caminhos. O neurótico é medíocre e burro – burrice é isto –, pois fica fazendo birra com a realidade e tudo que faz é mal feito e de má qualidade. Se

bancarmos o babaca, ficaremos perguntando sobre o que haveria na história da pessoa para ela agir assim, quando o que ela precisa é levar uns trancos, que coloquem um pouco de realidade em sua vida. Não é simples entender o que Freud chamava de castração?: que lá no céu, no paraíso, tudo é indiferente, mas, cá embaixo, aqui no inferno, você dá ou desce, você escolhe. Não dá para morar no céu, dá para visitá-lo e voltar. Não vamos, então, ficar eternamente analisando o que é uma recusa permanente, de um outro, de tomar um tranco. Podemos tentar demolir a mitologia com a qual ele tenta garantir seu céu, mas, antes de mais nada, trata-se dessa coisa “infantil” de recusar que a realidade existe. O imbecil recusa que não é possível passar pela parede, que há que fazer uma porta, por exemplo. Há maneiras de brincar de céu, mas nunca pela ordem da neurose. O neurótico quer brincar de céu na base da recusa, isto é, do recalque do princípio de realidade. Para brincar de céu, há que aceitar o inferno. Vive-se no inferno, então como dar uma saidinha com uma brincadeirinha de céu? Criando, inventando, produzindo próteses para dar um céuzinho de vez em quando, para desanuviar. Colocar-se nesta perspectiva muda um bocado a lida com a clínica.

A famosa estrutura profunda, de Chomsky, não é senão esse céu prévio do Inconsciente. O Inconsciente é o céu, é o Caos, vale tudo, aceita tudo, é o princípio do prazer. Ele sofre decadências, embora continue inconsciente no nível da decadência. Algo aconteceu, que, em meu Pleroma, chamo de Quebra de Simetria, que instalou as formações do Haver em decadência, em clinâmen. É assim. O que o neurótico tem que aprender é que não adianta fazer birra, pois não vai mudar isso.

As *morfoses estacionárias* são os dois exemplos compatíveis com o que falo de positivo e negativo. Trabalhei hoje só no nível da neura, da histérica e do obsessivo, pois a neurose é nítida na recusa da realidade. Mas não existe recusa de realidade efetiva na morfose progressiva. Não existe esse negócio de recusa da castração, o que existe é superação, passar por cima. Se considerarem a morfose

regressiva, os comentários que fiz sobre Schreber, são claros. Por exemplo, sua recusa radical da bissexualidade do Inconsciente.

### **Stéphane Lupasco e Claude Lévi-Strauss**

Já recomendei, há tempo, a leitura de alguém interessante. Li vários livros seus, mas confesso que aquele que deveria ter lido – *L'énergie et la matière psychique: ses logiques normales et pathologiques* –, só o estou lendo agora. Stéphane Lupasco (1900-1988), o autor, foi um cientista, um epistemólogo romeno que viveu na França. Ele parece delirante, mas isto por estar dizendo na década de 1960 o que se diz hoje. Como não tinha as mesmas ferramentas, ficava esquisito dizê-lo naquele tempo. Ele deve ter me influenciado, pois li vários livros seus e os achei brilhantes na época. O livro mais interessante foi *Du rêve, de la mathématique et de la mort*, em que chama a atenção para o fato, com o qual concordo, de que o sonho se traduz para nós em nível binário, mas se produz em nível unário, de q-bits, e que, por isso mesmo, cria as imagens mais estapafúrdias: vai para um lado, para outro, está livre, pega as marcas do cotidiano – o princípio do prazer, no sonho, faz qualquer negócio. Vejam, por exemplo, o caso das *fundações mórficas*, que, originariamente são bífidas, mas logo sofrem cisão. Por isso, restam sintomatizadas, têm aparência sintomática. Por exemplo, as fantasias. Como a fantasia sexual de cada um é informada, cindida demais, a pessoa não goza com qualquer coisa, só com a marca já cindida. Quanto mais analisado alguém fosse, se possível, gozaria com qualquer coisa. É muito difícil, pois somos cheios de sintomas e de fundações mórficas.

Mas Lupasco diz que Freud está errado ao afirmar que sonhamos para dormir, pois é o contrário: dormimos para sonhar. Quando sonhamos, reorganizamos o nível superior e damos chance para ele trabalhar um pouquinho, já que, cá embaixo, a barra é mais pesada. É como se recompuséssemos nosso psiquismo através do sonho. Segundo ele, tanto é assim que o sono existe para as

espécies cujo nível de complexidade é mais elevado. As espécies inferiores não dormem. É o sono como suspensão da realidade do mundo, que é binária e opositiva, para dar livre curso à realidade psíquica, que, esta, é unária e bífida, no sentido da restauração da efetividade originária. O entendimento da estrutura psíquica desse modo vai bem longe, dá muito pano para manga. Por exemplo, a oposição sujeito/objeto, como qualquer outra, é uma operação linguageira, um problema de língua, ou seja, consciente, que não exprime corretamente o Inconsciente. Lupasco diz que, lá atrás, sujeito e objeto estão juntos, não há separação. Insisto: não há sujeito do Inconsciente; não há objeto do Inconsciente – isto só se institui em nível decadente.

Outro exemplo, Claude Lévi-Strauss (1908-2009), que é importante porque... é muito importante. Já que é muito importante, assume importância... Vemos Lévi-Strauss, Lacan, os estruturalistas todos, caírem feito patinhos, brilhantemente, fazerem besteira em função de sua situação de século XX. Já o que Lupasco estava falando era para o século XXI, e não para aquele momento. Vejam a explicação – nitidamente neurótica – que Lévi-Strauss dá para a interdição do incesto: é o ponto de passagem de Natureza para Cultura. Ele explica com o seguinte: tudo que é natural é universal, tudo que é cultural é particular. Primeiro, isto já está errado, pois jamais se provou que a natureza tal como já descrita seja universal. Costuma frequentemente – e os físicos esperam que seja assim – ser, em certa região, constante. Ser universal é algo que não dá mais para se dizer hoje. Esta é a primeira coisa que não podemos garantir, mas, no tempo dele, suponhamos que fosse verdade para ele que tudo que fosse cultural fosse particular, quer dizer, invenção local.

Aí, diz ele que foi um cruzamento: a interdição do incesto é uma coisa cultural que é universal. O argumento é que a interdição do incesto é universal, logo houve um cruzamento: um elemento cultural que é universal, um elemento particular que parece natural. De onde ele tira isso? Repito há anos – está nas

últimas páginas do capítulo I do livro *Estruturas Elementares do Parentesco* (1947) – que tirou de nove entre dez estrelas da antropologia acharem que é assim, que a interdição do incesto é universal. Pelo menos, ele tem a delicadeza de dizer que há o décimo que não acha. E o quê fazer com este? Matamos? Aniquilamos? Fazer um cruzamento deste tipo não é senão querer cruzar o bífido com o disjuntivo. Ou seja, ele diz que, nesse ponto do cruzamento, está a interdição do incesto como passagem de natureza a cultura porque o quadro que fez foi esse. Mas a passagem não é de *natureza a cultura*, e sim de *superposição a disjunção*, como, aliás, qualquer passagem desse tipo para esta espécie. Não há que elevar as passagens de quebra simetria a dar aval a conteúdo local algum. É apenas uma quebra de simetria, como qualquer outra. Portanto, não existe passagem de natureza a cultura, pois a quebra de simetria é tanto natural quanto cultural. Não existe essa passagem, é contínuo. Ou melhor, é a mesma coisa. E a interdição do incesto é apenas essa passagem como realização, como invenção do Segundo Império. O sintoma está aí até hoje... para alguns, pois há outros que não acreditam mais nisso.

Como já lhes mostrei, o Édipo de Freud é o mesmo que está em Lévi-Strauss, é histórico, um momento. É pensar a interdição do incesto como garantia da hegemonia do pai. Isto é Segundo Império: as formações imperiais são sintomas e vão ficando por aí. Mas o século XXI, se continuar caminhando, arruinará com tudo isso espontaneamente até 2050, quem sabe. Não se trata de revolução – que é tolice –, mas simplesmente de *processo*.

### **Immanuel Kant e as categorias *a priori***

Ainda outro exemplo. Vamos brincar com Kant (1724-1804)? Esse cara é muito inteligente, é difícil brincar com ele, não sabe brincar, é meio sério. Já disse que talvez pudéssemos salvar seu conceito de *noumeno* adscrevendo-o à ordem inconsciente. Mas há outra coisa muito interessante, embora mal tratada pelos

kantianos, que é a noção de categorias *a priori*. Sobretudo as que ele considera básicas para estruturar toda a ordem do pensamento, que chama de formas puras da intuição sensível em geral: *espaço* e *tempo*. Vejam que ele precisa dessas categorias como – atenção! – formas que são *a priori* puras e intuitivas. É barra pesada. Ele toma essa idéia e constrói todos os processos de constituição, inclusive da estética. Farei agora uma redução violenta em termos de estrutura do Inconsciente e de estrutura de partículas elementares. Qual é a concepção de espaço? Simultaneidade dos opostos. Se tirarmos o espaço da matemática, esta é a única concepção que temos de espaço em estado puro. Qual é a concepção de tempo? Sucessividade. Em Freud, temos *condensação* e *deslocamento* (e Lacan trouxe para dentro da linguística como *metáfora* e *metonímia*). Diz ele que o sonho ou condensa ou desloca, *Verdichtung* e *Verschiebung*. Ou seja, ou é *espacial* ou é *temporal* – são as formas *a priori* do sensível.

Se quisermos entender o espaço como *simultaneidade* e o tempo como *sucessividade*, veremos que é mínimo. Observem o conceito de espaço do modo como os filósofos o tomam desde o início: Platão, etc. Por exemplo, Descartes (1596-1650), apesar de já haver geometria euclidiana, constitui o espaço com três vetores na chamada geometria analítica (que é anterior à geometria descritiva, a qual toma os eixos cartesianos e arruma como desenho no espaço): *x*, *y* e *z* – trata-se, para ele, de algebrizar dentro de três vetores ortogonais a relação entre os pontos. Então, o espaço de Descartes é o que está em nossa cabeça até hoje. Mas é *uma* leitura da concomitância. Existem outros espaços que também são leituras da concomitância. Einstein, por exemplo, diz que é uma dimensão quádrupla, pois tomou as três de Descartes e colocou o tempo. Tirando Descartes, o que é espaço-tempo? *Simultaneidade* e *sucessividade*. Em Freud, *condensação* e *deslocamento*. Então, o Inconsciente não é em quatro dimensões, e sim em duas: *condensação* e *deslocamento* – *simultaneidade* e *sucessividade* dos alelos. O Inconsciente é, sim, bífido, com possibilidade de ser opositivo.

Vemos que Einstein, ao juntar espaço e tempo, já toma o espaço lido cartesianamente, com três dimensões, e o tempo lido cronologicamente, o que inclui Leibniz e outros. Ele juntou o espaço e o tempo para ser calculado num nível das geometrias disponíveis. Quero afirmar que, purificando kantianamente, a idéia de espaço é simultaneidade e a de tempo sucessividade. Basta isto. Como operar estas duas qualidades? Inventando geometrias, colocando  $n$  dimensões, por exemplo dez mais uma como na teoria das cordas. Isto, como cálculo, mas, como ideia, reduzo o espaço a simultaneidade e o tempo a sucessividade.

Se a estrutura do Revirão em si já comporta tudo, então tudo lá já está. Não é possível hierarquizar ou separar, pois seria criar uma disjunção antes de a disjunção aparecer. Tomemos a *banda de Moebius*, que é unilátera e inclui a concomitância como ponto bífido, o qual ponto, quando passeia, se separa. Vejam que é tudo junto, um mito só. Mais de um mito, estraga-se o raciocínio.

Kant chama o espaço e o tempo de “formas puras da intuição sensível” em geral. Diz ele que “são *a priori* porque antecedem todo e qualquer ato de pensamento”. Está certo, é a estrutura mínima da máquina: pensamos com esse instrumental, com essas estruturas. Descobri-las é um ato de pensamento, mas elas estarem lá não o é. É, sim, um ato anterior ao pensamento: elas são base para o pensamento. “São puras porque não podem ser derivadas da experiência, são formais porque ordenam a diversidade da aparência, são intuitivas porque a maneira como elas ordenam a aparência é distinta de um conceito, elas coordenam mas não subsumem a diversidade”. Ou seja, são formas puras, estão lá, são constitucionais. Vejam como consegui salvar um pouco Kant. Quem diria?

## Constituição bífida da mente<sup>2</sup>

Comento agora sobre a constituição bífida de nossa mente – nossa, de qualquer ET ou de qualquer composição bioquímica que exista por aí e que chamei de *IdioFormação*. Chamei assim porque necessariamente nada tem a ver com esta nossa espécie: desde que tenha Primário, Secundário e Originário, é uma *IdioFormação* e é uma Pessoa – no sentido que defino Pessoa –, não importa se de lata, de carne ou de outra coisa. O interessante é que, quando afirmo minha suposição de que a mente é bífida, não preciso de comprovação externa alguma para fazer esta suposição. Ao contrário, solicito que eventuais comprovações externas venham sustentá-la. O vetor é daqui para lá, e não de lá para cá.

Pedi que lessem o livro *Decodificando o universo: como a nova ciência da informação está explicando tudo no cosmos, de nosso cérebro aos buracos negros*, de Charles Seife (Rocco, 2010), que é didático e sem novidade, mas bem organizado para os ignorantes na área. No capítulo 7, sobre “informação quântica”, o autor diz que a suposição de Roger Penrose (1931-) está errada. Sua suposição, junto com a de outros cientistas da mesma turma, quanto ao que estou chamando de bífido, é de que o cérebro funciona de maneira quântica, e não de maneira clássica. Já coloquei diversas vezes que há que tomar esta hipótese como possível. Mas, segundo Seife, não há temperatura adequada para o cérebro funcionar quanticamente, pois, para isto, seria preciso uma temperatura extremamente baixa e o cérebro é quente. Além disso, os microtúbulos, que são as formações subcelulares que Penrose toma como possível substrato de sua articulação quântica, não funcionam assim.

Tomo isto aqui, pois alguns podem fazer a suposição de que, se o que ele está dizendo for verdade, logo o que digo está errado. Não está. Não preciso de comprovação externa alguma – se houver, será bom – de que a mente (e, portanto,

---

<sup>2</sup> A partir daqui, trecho retirado da última seção do Falatório 2010, realizada em 04 dezembro.

o cérebro também deve funcionar assim) é bífida. Isto porque minha comprovação é psicanalítica, e não externa. Façam um levantamento dentro de tudo que tenho dito a respeito do que Freud colocou, de seus argumentos que tomei como prova da bifididade do cérebro – inversão da pulsão, reversão ao contrário, etc. –, e verão que é aí que estou baseado. E também em minha experiência analítica e em minha experiência pessoal com minha própria cabeça de perceber que somos uma espécie que, ao que quer que se coloque, posso dizer *não*. As outras espécies parecem não ter a condição de dizer o contrário, embora haja aparência de que eventualmente possam negar (o que acho difícil de pensar). Minha suposição para pensar que a mente é bífida parte, portanto, da dica psicanalítica, e não da suposição deles.

Pouco me importa se o fenômeno da bifididade é pós-clássico ou pré-clássico. É porque o cérebro, ou sei lá o quê, funciona quanticamente? Não necessariamente. Quero dizer que a mente imita com eficácia e eficiência a bifididade que os físicos encontram dentro da ordem quântica na microfísica. Como sabem, ser clássico é supor que não há sustentação possível da sobreposição, e ser quântico é supor que as sobreposições são possíveis. Suponhamos, então, por exemplo, que nossa mente e a estrutura cerebral sejam fundamentalmente clássicas, que algo aconteceu e o Revirão se instalou: ele pensa e, tudo que pensa, vira ao contrário, e assim sempre. Isto é ser quântico? Não necessariamente. É imitação do modelo quântico: repetição, na mesma ordem e em outra constituição, do próprio modelo tido como quântico.

Não temos que nos preocupar com isso, já que nossa fundamentação é o que encontramos na teoria psicanalítica desde Freud, é o que encontramos em nossa prática e em nossa experiência com nós mesmos. Chamo atenção para isto, pois pode parecer que a física descobriu que o cérebro não pode ser quântico. Quanto a nós, sabemos que é. O modelo é de sobreposição: o que acompanhamos fenomenologicamente é que é revirante. O pessoal da neurociência e da física que descubra por que.

Repetindo, pós-clássico significa que, dentro de uma estrutura clássica de organização cerebral – como é um cachorro, um gato, ou seja, sem sobreposição –, temos um aparelho chamado Revirão que imita de algum modo essa sobreposição. Não é pré-clássico, isto é, antes da quebra da simetria que isso funciona, e sim depois. Tenho um aparelho ao qual, se dizemos  $x$ , ele diz  $n\tilde{a}o-x$ . Não é que, quando se apresenta, apresenta-se em sobreposição, e sim que, ao que lhe é colocado, ele sobrepõe. Não se sabe bem se antes ou depois. Temos um aparelho que não é clássico quando um físico em laboratório percebe que há sobreposição imediata de duas posições de partícula – de fóton, por exemplo –, ou seja, aquilo é quântico. A sobreposição só cai quando fazemos a escolha. Quando entra a observação, um lado cai – isso é quântico, é pré-clássico. Clássico é quando observamos e a sobreposição cai. Dizer que o cérebro funciona assim não muda em nada o que estou pensando, porque é possível ter dentro dos aparelhos possíveis do universo alguma construção que é capaz de anotar classicamente, sem sobreposição, e computacionalmente, em algum modo de computação, a tudo que se colocar classicamente ela requisitar o outro lado. Então, não é pré, é pós. A questão é de constituição quântica ou clássica, e de que podemos ter uma imitação quântica pós-clássica.

Em nosso campo, desde Freud, pelo menos – é claro que é bem antigo: muitos pensadores já haviam visto isto –, observa-se que o Revirão funciona assim. Penrose quis achar que era assim por ser quântico, mas, para mim, tanto faz. Sei que funciona assim, e não preciso me basear nas descobertas imediatas da física para saber que é. Não abro mão de que há um aparelho de funcionamento em Revirão, e há no Primário. Se digo que o Haver é homogêneo, o Revirão não cairá do céu, está lá em algum modo de funcionamento. No cérebro, por exemplo, ainda que seja por cruzamento de *glia* (aliás, nada sabemos sobre ela). Podemos ter um cérebro, ou uma constituição geral, de tal complexidade que, para o tipo de composição que chamo IdioFormações, resulta nesse funcionamento. E não me venham com alma do outro mundo...

Portanto, tanto faz ser pré ou pós-clássica, pois, para mim, funciona assim. Então, antes que digam que o Revirão não pode funcionar porque esse autor, o Charles Seife, disse o que disse, digo que existe esse funcionamento, é só procurar onde está. E não é lá onde estão dizendo. Faço esta ressalva, pois ela é fundamental para raciocinarmos. Nosso ponto de vista é a experiência daqui. Dizemos ao físico que se vire para achar, pois já achamos: basta funcionarmos e ver como, do lado de fora mesmo, aparece a função, em qualquer um. É daqui que dizemos para o físico se virar para achar. Nós já achamos.

Vejam, por exemplo, que o pessoal busca construir um computador quântico, mas por que não constroem um hipercomputador revirante, pós-clássico? É uma sugestão: tudo que se disser, ele avessará. Isto é quântico? Não. Tem a mesma estrutura lógica do quântico, mas não o é. Aliás, se supusermos que, na microfísica, seja mesmo quântico, é da ordem da loucura. O próprio Einstein ficava impressionado com a loucura da teoria quântica, que foi ele quem colocou. Ele tentou demoli-la. O chamado *efeito EPR* (o Paradoxo de Einstein-Podolsky-Rosen) foi uma tentativa de demolição do emaranhamento quântico, pois é algo difícil de aceitar, mas é uma teoria. É impressionante que o emaranhamento quântico não consiga transmitir informação. É emaranhado e não transmite, então, o que fazer? Para nós, transmite. Segundo Seife, que é uma indicação recente, ninguém consegue transmitir.

Pensar em *informação* implica pensar em passar um elemento qualquer de inscrição daqui para lá. Para chamar de informação, suponho eu, é preciso encontrar alguma mesma inscrição em dois lugares, em duas manifestações. É preciso encontrar em ambas as manifestações a mesma inscrição, se não, não há informação. Se não se consegue carregar alguma inscrição de um lugar para outro – e posso falar assim porque é lugar, são dois pontos topologicamente diferentes –, não se trata de informação. No emaranhamento quântico, vê-se algo que acontece lá que é igual a aqui, mas não se sabe explicar como se deu. O fenômeno que

acontece em ambos os lugares é simplesmente o de distanciamento das duas partículas, que podem infinitamente caminhar em direções opostas. Elas continuam aparecendo, mas não conseguem transmitir informação alguma. Pelo menos, não do tipo clássico. Se meter um bit aqui, não chega ali, a informação não passa, só passa a estrutura da partícula. E isto coloca em crise a velocidade da luz. O fenômeno tem que ser mais rápido que ela. Vejam, pois, que tudo isso pode ser pura loucura de cientista. Vai ver, não é emaranhado.

O Inconsciente não precisa ser assim. Ele funciona parecido com isso. Suponhamos que ele faça isso pós-classicamente, pós-decadência: o troço já decaiu, o Inconsciente tem a memória do oposto e coloca de novo. O que não quero é atrelar a teoria do Revirão a isso, pois é maluquice deles. A prova que temos é que deitamos e sonhamos o contrário do que pensamos, ou seja, estamos sonhando com o contrário do que sonhamos. Freud sacou isto logo. A denegação, por exemplo, é um princípio de reversão – isto é, de Revirão – imediato: bateu, virou. “Sonhei que estava transando com aquela mulher, mas não era minha mãe”.

Não temos, portanto, que ficar subditos a isso. Se daqui a dez ou vinte anos efetivamente descobrirem que até o cérebro funciona numa relação de catoptria, ótimo, eu já tinha dito. A catoptria é que é fundamental. Quando falam em decadência, em queda da sobreposição para a separação clássica, estão dizendo que houve quebra de simetria, uma das formas da quebra de simetria: havia simetria e um lado desapareceu. E acho que o Haver funciona exatamente assim. Por isso, têm a impressão idiota de que a entropia vai comer tudo. Estou apostando com vocês que não vai. “Haver desejo de não-Haver” é Alei, e não o fato, pois não-Haver não há.

### **Racionalismo absoluto**

Aliás, Penrose e um físico, V. G. Gurzadyan, acabaram de apresentar uma hipótese bastante aceitável de que não há começo de universo, de que este universo

resultou do choque entre dois buracos negros. O que pode ser o choque de dois buracos negros? Um comendo o outro? Segundo eles, dois buracos negros bateram um no outro. Isto seria o Big Bang. É mais parecido com a minha tese: o troço encolhe, encolhe e vira um buraco negro. Como vai querer passar a ser absolutamente negro, explode, ou seja, ele bateu no cu do Outro. Lembrem-se do Outro de Lacan?: O grande cu. Isto é literariamente velho. Como diz Antonin Artaud (1896-1948): “Um cu de rato morto no céu do mundo” (“un cul de rat mort suspendu au plafond du ciel”). É a definição de Artaud para meu não-Haver. Psicótico serve para essas coisas.

Como não existe uma teoria bífida da física, os físicos enfrentam o real e as realidades físicas com teorias clássicas, que supõem que não são clássicas, mas cujo modo de pensar é clássico. Para eles, é “ou isto ou aquilo”, e não têm “e isto e aquilo”. Suponho que uma *constituição formal* seja identificável como informação ou algo do gênero, um construto informacional, ou seja, que tem as mesmas características do Secundário. Somos cartesianos viciados, temos uma educação francesa demais. Desde a infância, achamos que há corpo e alma, que um é diferente do outro, o que é uma imbecilidade cartesiana. No tempo de Descartes, Espinosa ia dizer que não é assim, mas ninguém quis ouvir porque interessava mais a igreja ter a alma do outro mundo para ela submeter o pessoal aqui na terra e depois dar um prêmio do outro lado. Por isso, venceu Descartes, por uma questão religiosa. Se pararmos de pensar que há diferença constitucional entre mente e corpo, veremos que é uma coisa só, que, provisoriamente, podemos chamar de informação: é tudo feito de informação. Temos vícios extremamente anti-analíticos, sobretudo por causa de religião. Por que Descartes venceu com aquele racionalismo tolo – mente e corpo –, quando Espinosa, do outro lado, estava lendo Descartes, respondendo, escrevendo a respeito e dizendo que não é isto? O ateísmo de Espinosa é um ateísmo de natureza, quase pagão.

A toda hora, temos que fazer um esforço para pensar que não é separado. O tempo todo, acreditamos em alma do outro mundo. Observem que mesmo os judeus da Holanda – portugueses em sua maioria – ficaram horrorizados com Espinosa. A Igreja não precisou ficar horrorizada, pois os judeus, pré-cristãmente, já deram conta dele. Ao dizer “mesmo os judeus”, quero dizer que eles podiam ser menos Terceiro Império, podiam, pelo menos, ser Segundo Império. A violência que foi em cima dele é do tamanho do horror que ele produziu só de dizer que é monista, que só tem um lado e é tudo a mesma coisa. Ninguém suportou. Ele disse que o fato de o mundo ser extensão e pensamento não significa que o que há seja só extensão e pensamento, tem mais coisas. Ele estava dizendo que seremos estúpidos se pensarmos que é só isso. Mas, se admitisse isto, a igreja perderia o seu processo manipulatório do Outro.

Aliás, alguns imbecis dizem que não sou racionalista, mas sou absolutamente racionalista, pois a razão não é do tamanho da burrice deles, é um pouco maior. A resposta é esta, que a razão não é do tamanho da burrice do cientista, é muito maior. É racionalista porque não há outra coisa. O que há de errado com os supostos racionalistas é pensarem que a razão é do tamanho da cabeça deles. Não há uma razão maior? Gaston Bachelard (1884-1962) há muito tempo me ensinou a perguntar: E se eu não estiver apreendendo a racionalidade dessa razão? E se a burrice for minha? Eles não querem fazer esta suposição, pois Narciso não gosta.

### **ADENDO<sup>3</sup>**

Dois trechos de falas minhas de 2010, em que fiz alguns comentários sobre a bifididade com base na teoria quântica (que ninguém sabe muito bem o que seja), foram reunidos para constituir um artigo, que ficou até interessante. Naquelas

---

<sup>3</sup> Trecho retirado de fala do dia 02 de julho de 2011.

ocasiões, depois de várias considerações, apresentei minha suposição de que o Inconsciente é bífido, ou seja, funciona em q-bits, e de que, ao passar para sua expressão, passa necessariamente ao bit. Depois, comentei que alguns críticos da física diziam não ser possível o que Roger Penrose achava possível – o cérebro funcionar em q-bits –, pois é impossível haver qualquer tipo de emaranhamento em temperaturas mais elevadas. Disse, então, que, como sei que o Inconsciente funciona assim, para mim pouco importa se ele é pré-clássico ou pós-clássico, ou seja, se funciona diretamente em q-bits ou se o cérebro imita de algum modo, mediante Revirão, uma função bífida.

Acontece que uma informação mais recente, baseada no artigo de autoria de Vlatko Vedral, *A vida em um mundo quântico* (*Scientific American Brasil*, julho 2011, p. 30) – de cuja pesquisa faz parte um cientista brasileiro, Alexandre Martins de Souza, do CBPF –, favorece a tese de Penrose. O interessante no artigo é a comprovação em laboratório de que há emaranhamento em temperaturas altas (em formações biológicas, pássaros, etc.). Faço então o adendo de que continuo apostando na bifididade do Inconsciente e, portanto, do cérebro, de algum modo, seja pré-clássico ou pós-clássico. O autor do artigo diz que o que se pensava ser impossível é possível, portanto é pré-clássico, quântico. Para mim tanto faz, não sou da área. Sei que reconheço a função bífida no Inconsciente, como repito há anos. Será engraçado se comprovarem isto na espécie dita humana. Verão que Penrose tinha razão, que o cérebro funciona em q-bits. Aí também terei razão: o Inconsciente funciona em q-bits, a expressão no macro é que tem que ser via binária.

Vejam que só se reconhecia a função q-bits em temperaturas extremamente baixas. Como o cérebro é quente, portanto não podia ter q-bits. Agora estão provando que a função é possível em altas temperaturas como a do cérebro. Dizem não que não seja q-bits, mas que a temperatura alta vaza informação: a informação vaza. O que querem dizer com informação vazando? A informação vazando é toda

vez que a gente fala: como a função é binária, perdemos metade. Será isto o vazamento? Algo pode vir unário e, na expressão, metade tem que ser abandonada. Se estiverem chamando isto de vazamento de informação, ótimo.

Além disso, acho que todas as funções do mundo macro, desde a **Quebra de Simetria Originária**, como chamo, tendem à quebra de simetria. Isto porque não haveria nenhuma estabilidade macro se não houvesse quebra de simetria permanente funcionando. Não podemos ter uma mesa mole e dura – o que é, aliás, o raciocínio surrealista, por exemplo –, pois, no macro, só funciona por exclusão e não se pode ter os dois opostos ao mesmo tempo. Mas no nível da informação de base é tudo unário, não tem função binária. O binário é um efeito de exclusão, portanto de repercussão, ressonância, o nome que quiserem dar, da quebra de simetria que permite que haja discernimento e distinção.